

INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA¹

Marta Estela Borgmann².

¹ Relato de experiência do Núcleo de Educação Inclusiva

² Professora e coordenadora do Núcleo de Educação Inclusiva da UNIJUI

Introdução

A inclusão é atualmente um tema bastante discutido e questionado por diferentes profissionais envolvidos no processo ensino/aprendizagem. O presente trabalho traz um relato de experiências que partem do processo de inclusão no ensino superior em uma universidade comunitária a partir de seu Núcleo de Educação Inclusiva. Tais reflexões incitam pensar, o que significa o currículo inclusivo na Universidade, levando em conta o processo de inclusão de alunos com deficiência. Historicamente, o paradoxo inclusão/exclusão marca os sistemas educacionais brasileiros, especialmente, quando se foca a universalização do acesso, mas desconsideram-se as diferenças nos processos educativos cotidianos. Isto não é diferente na educação superior. A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), mais recente documento que trata das orientações da educação especial, incide sobre os "diferentes níveis de ensino" e suscita o "acesso à escolarização" em todos os níveis. Pensar/refletir sobre a importância do currículo no processo de inclusão dos diferentes sujeitos reflete a prática vivenciada cotidianamente e traz no seu bojo a própria análise.

Resultados e discussão

Sabemos pela história da educação que o campo da Educação Superior sempre foi um espaço extremamente seletivo, a começar pelos privilégios da elite que pretendia formar seus jovens homens para a liderança do país, chegando aos exames de seleção (vestibular) que ainda hoje tem na classificação uma marca fundamental. Seleção esta, muitas vezes, perpetuada pela universidade em prol do desenvolvimento ou fortalecimento da nação. A proposta inclusiva veio justamente para mudar este cenário, para quebrar o ciclo de naturalização da incapacidade de alguns em detrimento a outros que pelo seu lugar cultural, social e econômico sempre pertenceram. Hoje, é possível falarmos de uma educação superior na perspectiva inclusiva para os alunos com deficiência. Certamente essa questão nos leva a inúmeros questionamentos. Questionamentos que se originam desde o ingresso, permanência e inserção no mercado de trabalho. Permitir somente o acesso destes jovens providenciando estratégias para um vestibular diferenciado não é o suficiente. Torna-se necessário articular formas para a sua permanência, produzindo espaços de conhecimento, formação e reflexão sobre a inclusão, e assim, produzir mudanças nos modos de aprender-ensinar. Neste

SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

momento o currículo escolar é posto em discussão. Como redimensionar o currículo e a prática pedagógica para que a pessoa com deficiência possa permanecer com sucesso na universidade?

As lentes que se colocam para avaliar o processo de ensino destes sujeitos se mantêm obscuras. Os professores fazem de sua prática a universalização, pois demonstram resistências em assimilar as diferenças e ensinar de forma peculiar cada um, pois a forma que é para um, não o é para o outro.

Conclusões

Percebemos que com o aluno com deficiência, assim como com outros, o enquadramento não é possível e, geralmente o professor em nome dos imperativos pedagógicos tenta apagar aquilo que o torna diferente, normalizando, curando. E o aluno passa, em nome da inclusão, a não ser visto, ocupa o lugar do não ser, não saber. Temos vivenciado uma cultura de “apagamento”, de forma que todo esforço se sustenta num interesse normalizador. E assim, temos o sujeito com deficiência como um sujeito invisível, está ali, mas não é visto e, portanto, não se faz necessário pensar em diferentes metodologias e formas de perceber o processo de ensinar e aprender. Apontamos algumas questões que neste período de análise, temos pensado aos diferentes sujeitos incluídos nesta Universidade. Primeiramente, faz-se claro que ao considerarmos a escolarização do sujeito surdo, seja ela na escola ou na universidade, é necessário considerar as questões referentes à sua língua materna, a Libras (Língua Brasileira de Sinais). A relação entre professor e aluno surdo se constrói quando o professor compreende que o surdo necessita de estímulos visuais e não sonoros. Quando o professor percebe que o tempo de leitura e compreensão do surdo é maior que os demais, já que muitas palavras necessitam ser interpretadas, explicadas e significadas. Quando o professor compreende que a escrita do surdo também se organiza de outra forma, necessitando um segundo olhar a fim de que seja compreendida. Quando o professor compreende que é importante saber alguns sinais em Libras para ter em alguns momentos uma relação mais próxima com seu aluno. Quando o professor percebe que não é possível escrever e explicar algo ao mesmo tempo, já que o surdo terá que optar somente por uma das duas tarefas (ou copiar ou olhar para o/a intérprete). Quando o professor explora os recursos e potencialidades deste aluno, sem grandes resistências de saída de um lugar de saber para outro, de novas aprendizagens. Quando todas estas questões são pensadas e vivenciadas na prática, percebemos a relação professor-aluno acontecendo, as aprendizagens sendo construídas e as modificações no currículo em direção ao processo inclusivo. Assim, pensando na relevância da Libras, nas relações e metodologias pode-se afirmar que o processo de inclusão dos surdos nesta Universidade tem se dado de forma contínua e gradativa. Aos poucos a conscientização dos docentes, juntamente com os momentos de formação e aprendizagem. Um momento que demanda novas práticas, mas também oferece possibilidades/suportes nestas novas aprendizagens. Um processo que se constrói inclusivo. Diferentemente de práticas e metodologias baseadas em recursos visuais, faz-se necessário pensar no processo de inclusão de alunos cegos e com baixa visão. Programas de computador e softwares vêm sendo utilizados a fim de possibilitar a efetiva participação destes alunos nas diferentes atividades propostas.

Programas que servem tanto para alunos cegos, que necessitam/utilizam da audição como meio principal de aprendizado, como para alunos com baixa visão, que podem/necessitam ter seus





Modalidade do trabalho: Relato de experiência

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

materiais ampliados e/ou visualizar diferentes materiais no computador de forma ampliada. Além disso, recursos mais simples, como régua e lupa também surgem como ferramentas facilitadoras neste processo. Assim, ao pensarmos na inclusão destes alunos, as tecnologias constituem-se como importante aliada. Além disso, a reorganização de um currículo voltado a práticas orais que permitam ao aluno “visualizar” aquilo que é trabalhado/explicado. Os encontros de conversa e formação com os docentes envolvidos também é uma prática que busca aprimorar este processo de inclusão. No que se refere aos alunos com alguma deficiência física, as reformas arquitetônicas e de acessibilidade acontecem de forma gradativa. Há de se considerar toda a estrutura existente antes mesmo da elaboração das políticas educacionais inclusivas. Assim, o que tem se buscado, são possibilidades de reforma e adaptação, a fim de que estes alunos possam transitar nos diferentes locais da instituição, seja através de elevadores, rampas e/ou com auxílio de algum funcionário. Quanto aos alunos com alguma deficiência intelectual, as práticas de formação docente tem se apresentado como importante alternativa. Alunos que demandam metodologias e currículo diferenciado, e tem encontrado na universidade uma forma de se manter envolvidos com grupos de jovens de idade semelhante, seguir estudando e participando de diferentes eventos. Neste processo, as famílias se apresentam como importantes aliadas. Construir caminhos que levem ao aprendizado, da mesma forma que encaminhamentos a estágios, a partir das vagas para deficientes, e mercado de trabalho. A Universidade se apresenta como um viés de inclusão social destes sujeitos. Busca adaptar-se aquilo que é objetivo das principais políticas de inclusão e, junto a isso, dialogar com estes sujeitos na perspectiva de construir práticas realmente inclusivas. É sabido que ainda há muito a ser feito e que este é um processo em fase inicial, já que até o momento são poucos, praticamente inexistentes, os relatos de inclusão no ensino superior. Sem grandes resultados, que se configurem como um modelo de práticas inclusivas, mas com intencionalidades que a tem como objetivo maior. . O trabalho não intenciona, portanto, apresentar-se como um modelo de inclusão no ensino superior, mas busca mostrar o exercício realizado no Núcleo de Educação Inclusiva e que serve como um dispositivo de reflexão e construção de novas e diferentes práticas de ensino.

Palavras-Chave: Currículo, inclusão, Ensino Superior.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. MEC/SEESP, 2008.